

PREFÁCIO

Conta a versão de uma lenda que, quando os portugueses chegaram pela primeira vez a Macau, perguntaram a uns habitantes locais que viviam junto a um templo, o nome daquela terra. E eles lhes disseram, não entendendo qual a extensão do lugar, que era ali o porto da deusa A-ma (A-ma gao), e desse nome teria vindo o nome de Amacao, Macau. A-ma, deusa da água, adolescente que por agradecimento a um pescador o salvou de um tufão, virgem protetora dos marinheiros, como a Virgem Stella Maris. Macau-Porto: um espaço comum de quem chega e parte. Sob o seu símbolo colocamos este conjunto de textos resultantes de dois encontros de “Filosofia e Literatura – Entre Portugal e Macau: Lusofonia, Utopia criadora?”, em Macau (Março de 2017) e no Porto (Maio de 2017), organizados pelo RG “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”/ Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, com a Universidade de Macau, a Universidade de São José (Macau), o Instituto Politécnico de Macau e o Instituto Internacional de Macau, reunindo investigadores residentes em Portugal, na China/ Macau, no Brasil, e em Espanha.

Em Macau, na Rotunda da Amizade, ergue-se hoje A Pérola. É um jardim-monumento, da autoria do escultor José Rodrigues, inaugurado a 10 de junho de 1997, perto da marginal que acompanha o delta do Rio das Pérolas. “No trabalho de José Rodrigues está presente a tradição chinesa na organização do jardim como símbolo do universo, limiar entre a realidade espiritual e material [oriental] e a sensibilidade plástica ocidental”, escreverá Maria Leonor Soares. A pérola é um símbolo universal, não variando muito as leituras que o Ocidente e o Oriente sobre ela têm produzido: é a imagem feminina da fertilidade, da (re)criação. Oriente e Ocidente descobrem perante ela que as palavras que localizam um espaço a oriente e a ocidente são convencionadas por uma imobilidade que a viagem contesta. Se é verdade que os filósofos e os poetas evidenciam os silêncios que escondem o óbvio – Camilo Pessanha afiança-nos que é possível ver a luz em um país perdido – há nos textos aqui reunidos, sobre os filósofos e poetas que se deslocaram entre o Ocidente e o Oriente, uma mista sensação de (re)conhecimento e surpresa facultada pela geografia. Talvez tenha sido Camilo Pessanha, num texto sobre a fabulosa Gruta de Camões, quem melhor descreveu este sentimento: Macau é a única terra das que foram colonizadas pela cultura portuguesa em que as estações

climáticas são semelhantes às do continente europeu, quase nas mesmas coordenadas da latitude, quase a única em que as estações climáticas coincidem com os rituais religiosos do ponto de partida do viajante: o Natal é celebrado no frio do inverno, a Páscoa no despontar da primavera, o dia dos mortos no culminar do outono: “em Macau é fácil à imaginação exaltada pela nostalgia, em alguma nesga de pinhal menos frequentada pela população chinesa, abstrair da visão dos prédios chineses, dos pagodes chineses, das sepulturas chinesas, das misteriosa inscrições chinesas, destacando a cada canto em rectângulos de papel vermelho, das águas amarelas do rio e da rada, onde deslizam as lentas embarcações chinesas de formas extravagantes, com as suas velas de esteira fantasmáticas, e criar-se, em certas épocas do ano e a certas horas do dia, a ilusão da terra portuguesa”. Note-se a artificialidade desta nostalgia lusófona, a facilidade desta imaginação forçada pela memória. Perdido num espaço em que quase nada afinal parece evocar o ponto de partida, o viajante é submerso por uma realidade que o invade, a ele, o invasor. Miguel Torga escreverá no seu diário sobre este exotismo de ser estranho num espaço em que o viajante se reconhece, ainda que de passagem rápida: “Cruzo a cidade em todas as direcções, visito fortes, igrejas e casinos, meto-me numa lancha e espreito o porto interior, desembarco nas ilhas, percorro-as e regresso estonteado ao hotel. Nunca tinha tido uma experiência assim de caminhar tantas horas em levitação. Tudo nesta terra é simultaneamente natural e mágico, concreto e abstracto, imóvel e fugidio”. Talvez não haja lugar como Macau, para este exercício fundamental de nos construirmos, sabendo da nossa identidade fugidia. São lugares assim, de confronto, que nos mostram o carácter imperfeito e não definitivo da identidade. São lugares assim, de estranhamento, que nos ensinam a alteridade como função maior da literatura iniciática. Muitos dos textos aqui publicados refletem precisamente sobre um conhecimento dialético, de afirmação e negação de conceitos como o Eu vs. Outro, Invasor/ Invasido, Eutopia/ Distopia. Falamos aqui talvez de um Porto Interior e de um Porto Exterior.

A pérola é, biologicamente, o resultado de uma digestão complexa, feita de inclusão e exclusão num espaço de metamorfose. O jardim da Pérola Evoca os cinco elementos constitutivos do Mundo: a Madeira, o Fogo, a Terra, o Metal, a Água e os 5 pontos cardeais: o Ocidente, o Sul, o centro, o Oriente, o Norte. A esfera da escultura simula Vénus, nascida da espuma das águas. Parece não tocar na terra.

Não é pois um tempo preciso, mas um tempo esférico: uma duração em que é indistinto o princípio e o fim. Por vezes, quando um organismo exterior penetra na concha e se aloja no ténue manto que rodeia as vísceras do molusco, uma substância segregada pelo manto, a madrepérola, vai transformando o intruso numa espécie de osso, feito de calcário, de concha e de água, em camadas concêntricas, ao longo dos anos. O que era estranho à casa torna-se matéria da casa. A fonte de Lilau onde o viajante bebe um gole para voltar é a fonte da avó por onde se chega ao primeiro antepassado. Neste contexto se podem compreender os estudos que se debruçam sobre os processos de leitura simbólica, movidos pelo conhecimento analógico, metafórico, que traduz e, literalmente, arrasta significados, aproximando obras e autores, encurtando a distância que existe entre conotações, símbolos, lendas, mitos de culturas e memórias distintas.

Assegura Jean Chevalier que a pérola, na China Antiga, era usada pela medicina para curar todas as doenças dos olhos. A similitude com o globo ocular (ou a lua) sublinha esta capacidade de olhar a matéria como degrau para o espírito, a referência como forma da abstração: “Alcançamos aqui a noção de pedra oculta na sua concha: tal como a verdade e o conhecimento, a sua aquisição exige um esforço”. Assume-se então este longo volume como uma longa viagem. O poeta Yun Li, no seu poema “O Viajante”, imagina por nós esse viajante que, chegado ao fim do dia, inclina profundamente a cabeça, “a pensar consigo mesmo/ onde iria passar a noite!”. Iremos prosseguindo, todavia, talvez agora mais próximos. Os estatutos de uma ainda desconhecida academia do século XVIII, a Arcádia Lusitana, tinham no seu início uma curiosa constatação: a de que a lucubração solitária é tautológica. Na verdade, só existiriam duas formas efetivas de promoção do conhecimento: a academia e a viagem. A viagem porque nos desloca para fora do nosso espaço confortável:

Dos antigos Platão, Sólon, Pitágoras, Apolónio e outros muitos que apontam as histórias, como os eruditos não ignoram, fizeram grandes viagens e discorreram por climas estranhos e países muito distantes para alcançarem a ciência por que tanto foram e são respeitados. Dos modernos com o mesmo fim passaram às Índias Orientais e Ocidentais [...].

A academia porque colocava em diálogo diferentes maneiras de pensar e dizer:

A mesma diversidade de génios, método e estudos de seus alunos, que à primeira vista parece contrária a este projecto, é o meio mais próprio e conducente à sua

felicidade; pois inflamando-se todos na sua virtuosa emulação de se adiantarem e distinguirem pelos seus progressos, trabalham com tanta eficácia e actividade [...] que vêm por este modo a descobrir verdades que nunca imaginaram.

Maria Luísa Malato e Celeste Natário